

Silva Carvalho, Armando (2015). *A Sombra do Mar*. Lisboa: Assírio & Alvim, pp. 99

Manuel G. Simões
(Università Ca' Foscari Venezia, Italia)

Já desde *Lírica Consumível* (1965, Prémio Revelação), a poesia de Armando Silva Carvalho revelava uma gramática corrosiva, com o recurso à estética da ironia e a constantes referências a um tempo e a um espaço desamados, coincidentes com o quotidiano. De então para cá, e o discurso percorre uma larga e reconhecida produção, a voz poética afirma-se frontalmente contra a corrente, ao mesmo tempo que ressurgue sempre inovadora nos seus percursos metafóricos de referência à mentalidade ou à visão do mundo. Marco importante nesse itinerário é sem dúvida o livro *Sentimento dum Acidental* (1981), a recordar o famoso poema de Cesário Verde («Sentimento dum Ocidental»), onde se afina um sistema linguístico que surpreende pelo sábio aproveitamento de lugares-comuns, de estereótipos de registo oral ou de segmentos desvelados pela memória poética, elementos que, uma vez desviados do contexto primordial, produzem nova contextualização e um registo inegavelmente paródico: por exemplo «barracas de freira» (desvio de 'barracas de feira'); ou «acidentais praias» (com ecos de 'ocidental praia' de Camões).

Na obra poética de Armando Silva Carvalho há uma referência constante à semântica do sagrado, muitas vezes dessacralizado pela ironia, e isto é particularmente legível em *Alexandre Bissexto* (1983), *Canis Dei* (1995) e até nos livros mais recentes como em *Antero, Areia & Água* (2010), através da figura tutelar de Antero de Quental, ou mesmo em *De Amore* (2012) para se afirmar em *A Sombra do Mar*: «Neste mundo de guerras dos diversos deuses, o mal vai prevalecendo/ com as desculpas do bem e dos seus acólitos» («Cantos», 27); ou ainda no poema «A água», onde reaparece a estética da abjecção, uma das categorias mais evidentes da sua poética: «Nas mãos dos deuses | se coloca a estrita criatura que professa a água. | Há um rancor que se solta da prosa/ e da sanita. | A pobreza do corpo e o seu alívio são o sermão da montanha, | o rato ridículo do seu pequeno mundo» («A água», 10). E, a propósito, diga-se que o corpo é um elemento recorrente no discurso do Autor, mesmo nas obras em prosa, através do qual se estabelece uma rede de ligações a outras isotopias, como o amor ou a morte.

Armando Silva Carvalho (n. 1938) pertence à geração cultural que, de qualquer modo, cresceu e conviveu com a descoberta da enorme dimensão da obra de Fernando Pessoa, poeta que, como se sabe, funcionou como centro de irradiação e marcou impressivamente grande número de autores, condicionando a «mecânica fantasmática da memória». Em «A Sombra do Mar», texto onde, com frequência, o sujeito recorre a outros discursos, quase sempre para estabelecer uma atitude contrastiva, pode ler-se esta declaração explícita: «Andei a reler o Campos, mas não sei subir à sua metafísica. | O homem estragou de vez a vida a muita gente» («De costas voltadas», 17). Este segmento textual, com recurso ao registo irónico, encontra outros ecos pessoanos, como no poema «À sombra do mar», em que se reconstrói a galáxia heteronímica (a «estirpe tão feita de virgindade | e ascese inglesa», 18) e se acentuam as figuras influentes que afloram no seu verbo (Camões, Padre António Vieira ou Cesário Verde); ou em «Cantos», onde se alude à categoria do fingimento da famosa autopsicografia do poeta ortónimo («o outro tinha razão: | finge sempre que finge», 26); ou ainda em «Contabilidade», em que a intertextualidade encaminha, porém, o discurso para a ironia, atingindo de novo, na sua expressão verbal, o registo paródico: «E tenho pena. | Não desejar ser tudo, tudo ao mesmo tempo, | de todas as maneiras. | Ser eu de cada vez já tem que se lhe diga», 58).

Nas entrelinhas destas intersecções, o núcleo da poética de Armando Silva Carvalho continua a concentrar-se sobre o corpo nas suas relações com o amor (o sexo) e a morte, agora revisitando lugares e tempos com a irremediável nostalgia que assoma, cruel, «medindo o esplendor em dissolução».